



*Uma  
Aposta  
irresistível*



# Capítulo um

Ao longo dos anos em que vem cuidando de animais indesejados, Lady Penélope Champion aprendera algumas coisas.

Cães latem; coelhos saltam.

Porcos-espinhos se enrolam em uma bola espinhenta.

Gatos se esparramam no meio da sala de estar e se lambem em lugares inconvenientes.

Papagaios confusos saem voando pelas janelas e pousam em locais fora de alcance. E Penny se estica para fora da janela, de camisola, para resgatá-los – mesmo que isso signifique arriscar o próprio pescoço.

Penny não conseguia mudar sua natureza, do mesmo modo que as criaturas perdidas, solitárias, feridas e abandonadas não conseguiam mudar a delas.

A jovem agarrou o caixilho da janela com uma das mãos e mostrou um petisco com a outra.

– Agora venha, querida. Aqui. Este biscoito é para você.

Dalila inclinou a cabeça emplumada e fitou o petisco. Mas não se mexeu.

Penny suspirou. Ela não podia culpar ninguém a não ser a si mesma. Ao anoitecer, ela se esquecera de cobrir a gaiola por completo e deixou uma vela acesa até muito tarde enquanto terminava de ler um delicioso

romance. Contudo, ela nunca imaginou que Dalila fosse esperta o suficiente para passar uma garra pela grade e soltar a tranca da portinha.

Depois que a papagaia fugiu da gaiola, ela saiu voando pela janela.

Penny fez um bico e assobiou.

– Está vendo, querida? É um lindo biscoito, não acha? É de gengibre.

– **Menina linda** – falou a papagaia.

– Isso, querida. Que menina linda, muito linda você é.

Dalila fez um movimento hesitante de lado. Algum progresso, ao menos.

A ave se aproximou...

– Isso mesmo. Venha cá, minha querida.

Um pouco mais...

– Boa menina.

Mais alguns centímetros...

**Droga.**

Dalila arrancou o biscoito da mão de Penny, recuou e alçou um breve voo, indo pousar no parapeito da casa ao lado.

– Não. Por favor, não.

Batendo as asas, Dalila entrou pela janela aberta e desapareceu.

Droga e porcaria.

A velha residência Wendleby ficara vazia por anos, exceto pelos poucos criados que ainda cuidavam do lugar. Porém, recentemente, tinha trocado de mãos. O novo e misterioso proprietário ainda não tinha aparecido, mas um arquiteto e um regimento de pedreiros estavam fazendo uma reforma ruidosa e poeirenta. E uma casa em obras não era lugar para uma ave indefesa voar às escuras.

Penny precisava resgatá-la.

Ela observou a saliência que unia as duas casas. Se tirasse as pantufas, subisse por ali, firmasse os pés descalços na borda de argamassa e se esgueirasse com cuidado... a janela aberta ficaria ao seu alcance. A distância era de apenas alguns passos.

Correção: eram apenas alguns passos até a janela. Mas cerca de seis metros até o chão.

Penny acreditava em muitas coisas. Ela acreditava que estudar era importante, que livros eram vitais, que as mulheres deviam ter o direito de

votar e que, lá no fundo, a maioria das pessoas era boa. Ela acreditava que todas as criaturas de Deus – humanas ou não – mereciam amor.

Contudo, ela não era tola a ponto de acreditar que poderia voar.

Amarrou o roupão na cintura, enfiou os pés nas pantufas e desceu até a cozinha, onde abriu a gaveta superior esquerda do armário de temperos. Lembrava-se que, no fundo da gaveta, afixada na madeira com um pouco de cera de vela, havia uma chave.

Uma chave que abria a porta dos fundos da residência Wendleby.

Penny pegou a velha peça de metal e raspou a cera com a unha do dedão. Sua família e os Wendleby tinham trocado chaves décadas atrás, como bons vizinhos costumavam fazer. Nunca se sabia quando uma urgência surgiria. E aquilo contava como uma emergência. Àquela hora, acordar a criadagem demoraria demais. Dalila podia, a qualquer momento, sair voando por onde tinha entrado. Penny só esperava que a chave ainda correspondesse à fechadura da porta.

Para a noite, ela saiu. Com uma das mãos, ela carregava a gaiola vazia de Dalila. Com a outra, mantinha o roupão bem fechado para afastar o frio.

Passando sorrateiramente pela porta da frente dos Wendleby, ela dirigiu-se até a entrada de serviço. Ali, protegida pelas sombras, Penny enfiou a chave na fechadura, forçando-a pelas tranquetas. Depois de enfiá-la por completo, virou a chave com decisão.

Com um clique, a fechadura cedeu e a porta se abriu.

Ela esperou, a respiração suspensa, esperando que alguém lá dentro desse o alarme.

O silêncio continuou, a não ser pelo ribombar de seu coração.

Lá estava ela, uma completa estranha às atividades criminosas, cometendo ou arrombamento, ou invasão de domicílio, ou até mesmo roubo. Quem sabe até uma combinação das três coisas.

Um assobio fraco, vindo de cima, enfatizou a urgência de sua missão.

Fechando a porta atrás de si, Penny colocou a gaiola no chão, enfiou a mão no bolso do roupão e pegou a vela e o isqueiro que tinha colocado ali antes de sair de sua casa. Levantou a vela acesa com uma das mãos, pegou a gaiola de Dalila com a outra e entrou na casa.

Penny passou pelo hall de serviço e subiu um lance de escada, emergindo no corredor principal da residência. Fazia muitos anos que ela não entrava nessa casa. Da última vez, com as dificuldades que os

Wendleby enfrentavam, o local estava numa situação de decadência aristocrática.

Enfim, pôde ver o resultado de vários meses de obra.

Se o novo proprietário queria se exhibir, tinha conseguido. Na opinião dela, o lugar era frio e carecia de alma. Mas, também, ela nunca fora de se exhibir. E aquela casa não apenas brilhava – ela ofuscava. O hall de entrada era o equivalente visual de um toque de 24 trombetas. Acabamentos dourados e painéis espelhados refletiam a luz de sua vela, disparando os raios de um lado a outro até serem amplificados num clarão.

– Dalila – ela sussurrou, parada na base da escadaria principal. – Dalila, cadê você?

– **Menina linda.**

Penny levantou a vela e olhou para cima. Dalila estava empoleirada no parapeito do segundo andar.

Graças a Deus.

A papagaia passou o peso de uma pata para outra e inclinou a cabeça.

– Isso, querida. – Penny foi subindo os degraus em passos suaves, sem pressa. – Você é uma menina muito, muito linda. Sei que está com saudade da sua dona e da sua casa. Mas esta não é sua casa, entende? Não tem biscoitos aqui. Vou levá-la de volta para casa, onde é quente e gostosinho, e você vai poder comer todos os biscoitos de gengibre que quiser. Se ficar bem... parada... aí...

Bem quando Penny tinha a ave ao seu alcance, ela bateu as asas e subiu ao próximo andar.

– **Menina linda.**

Sacrificando o silêncio pela velocidade, Penny correu escada acima e chegou ao segundo andar a tempo de ver a papagaia disparar através de uma porta aberta. Ela conhecia bem o bastante a disposição da casa para saber que aquele caminho não tinha saída.

Ela entrou no aposento – um quarto com paredes recém-revestidas de uma exuberante seda adamascada e uma enorme cama com dossel, tão grande que poderia ser um quarto por si só. Tapeçarias de veludo verde-esmeralda pendiam do dossel, envolvendo a cama.

Silenciosamente, Penny fechou a porta atrás de si.

**Dalila, agora eu encurralei você.**

Encurralada, talvez, mas não capturada.

A ave a fez persegui-la pelo quarto, voando do dossel para o guarda-roupa para o dossel para a cornija da lareira para o dossel... céus, para que tanto dossel?

Após correr escada acima e perseguir a ave pelo quarto, Penny ficou sem fôlego. Se não se dedicasse tanto a resgatar criaturas abandonadas...

Dalila posou no lavatório e Penny correu para salvar a bacia e o jarro antes que caíssem no chão. Enquanto ajeitava as peças em seu lugar, ela notou vários outros objetos na mesa de mármore. Uma barra de sabão, uma navalha afiada, uma escova de dentes e dentifrício em pó. Evidências de ocupação recente.

Ocupação **masculina**.

Penny precisava pegar aquela papagaia e sair dali.

Em vez de se empoleirar em uma coluna do dossel, a papagaia cometeu o erro de voar por baixo da cobertura. Então, sua fuga foi impedida pelas volumosas tapeçarias.

Penny correu para a cama, deu um salto e conseguiu agarrar a ave por uma de suas pequenas garras.

**Pronto. Peguei você.**

Pegar Dalila seria motivo de comemoração. Contudo, ela estava mesmo sem sorte e também se embaraçou nas tapeçarias.

A porta do aposento adjacente foi aberta. A luz de uma vela iluminou o quarto. Ela soltou a perna de Dalila e a ave fugiu de seu alcance mais uma vez, deixando Penny esparramada na cama de um estranho, de camisola, sem um pássaro na mão.

Enquanto virava a cabeça para a figura parada no vão da porta, ela fez um pedido aos céus:

**Por favor, que seja uma criada.**

Mas é claro que ela não teria tanta sorte. Havia um homem no vão da porta que conduzia ao quarto adjacente. Ele segurava uma vela e não vestia nada.

Bem, ele não estava nu por completo. Ele vestia **algo**. Esse “algo” era um tecido molhado que pendia de modo precário de seus quadris, parecendo que deslizaria até o chão a qualquer momento – mas dava para chamar de um tipo de vestimenta.

E todo mundo está nu por debaixo de suas roupas, não é mesmo? Aquela situação não era tão diferente. Por que criar caso com isso? Afinal,

ele não parecia estar envergonhado. Nem um pouco.

Não, ele parecia magnífico. Magnificamente furioso.

– De onde diabos você surgiu?

Era compreensível o tom de voz irritado. Era também aterrorizante.

Penny se desembaraçou das tapeçarias e quase caiu no chão.

– Eu moro na casa ao lado. Onde eu moro. Na minha casa.

– Bem, esta casa é minha.

– Eu não sabia que o novo proprietário já tinha se mudado.

– A partir desta noite, estou aqui.

– Sim. Estou vendo.

Ela estava vendo muita coisa. Bem mais do que era decoroso. Mesmo assim, Penny não conseguia desviar o olhar.

Senhor, aquele era um homem grande e lindo.

Havia tanto o que admirar. Alto, largo e com músculos poderosos. E quase nu, exceto por aquela toalhinha. E tanto cabelo – volumoso e escuro, as mechas molhadas grudadas na cabeça. E pelos. Acompanhando a linha bem definida do maxilar e sombreando de leve o peito.

Ele tinha mamilos. Dois!

**Os olhos, Penny. Ele também tem dois olhos. Foco neles.**

Infelizmente, essa estratégia não ajudou. Os olhos eram duas lascas de ônix. Lascas de ônix mergulhadas em tinta, depois envoltas em obsidiana, então pinceladas com piche e jogadas num poço sem fundo. À meia-noite.

– Quem é **você**? – Ela suspirou.

– Gabriel Duke.

**Gabriel Duke.**

O Gabriel Duke?

– Satisfação em conhecê-lo – ela disse, por hábito, como se pudesse ouvir a mãe repreendendo-a lá da Índia.

– Não deveria estar satisfeita. Ninguém mais está.

Não mesmo. Os jornais gastaram um oceano de tinta com esse homem de origem desconhecida, que, agora, era dono de uma influência imensurável. Implacável, diziam alguns. Descarado, diziam outros. Podre de rico, todos concordavam.

Eles o chamavam de Duque da Ruína.

De algum lugar acima, Dalila deu um assobio atrevido e quase indecente. A papagaia saiu de baixo das tapeçarias da cama e atravessou o

quarto voando, pousando em uma arandela sem uso na parede oposta. Colocando-se bem atrás do novo vizinho impressionantemente viril de Penny.

**Ah, sua ave traiçoeira!**

Ele se encolheu e abaixou quando a papagaia passou sobre sua cabeça.

– Que diabos foi isso?

– Eu posso explicar.

**Só não tenho vontade.**

– É uma papagaia – ela disse. – Minha papagaia.

– Certo. E quem é você, mesmo?

– Eu... ahn... – Penny parecia não saber o que fazer com as mãos. Elas apenas demonstravam seu desejo desesperado de estar em qualquer outro lugar.

Água pingava de alguma parte dura e escorregadia do corpo dele, as gotas marcando as batidas de seu coração envergonhado.

Plim. Plim. Plim.

– Sou Lady Penélope Champion.



**Lady Penélope Champion.**

**A Lady Penélope Champion?**

Gabe inclinou a cabeça para um lado, sacudindo-a para se livrar do resto da água de banho na orelha. Ele não podia ter ouvido direito. Com certeza ela quis dizer que era uma **criada** na casa de Lady Penélope Champion.

– Você não pode ser Lady Penélope.

– Não posso?

– Não. Lady Penélope é uma solteirona que mora sozinha com dúzias de gatos.

– Não são **dúzias** – ela disse. – Um pouco mais de **uma** dúzia, mas só porque estamos na primavera. É a estação dos gatinhos, sabe.

Não, ele não sabia. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

Lady Penélope Champion era o principal motivo de ele ter adquirido aquela propriedade. Famílias de novos-ricos pagavam quantias exorbitantes

para morar perto de uma lady, mesmo que a lady em questão fosse uma solteirona sem atrativos.

Como era possível que **aquela** mulher fosse uma solteirona? Ela era filha de um conde e devia ter um dote considerável. Se nenhum dos vagabundos falidos ou famintos por um título de Mayfair tinham lhe proposto casamento, a simples lógica indicava que devia existir algo muito desagradável nela. Uma voz insuportavelmente estridente, talvez. Dentes encavalados ou má higiene pessoal.

Porém, ela não apresentava nenhuma dessas características. Era jovem e bonita, sem odores perceptíveis. Os dentes formavam duas fileiras de pérolas e sua voz era como um raio de sol. Não havia nada de desagradável nessa mulher. Ela era... agradável de todas as formas.

Bom Deus, ele conseguiria vender a casa por uma fortuna.

Desde que essa lady não estivesse arruinada.

No nível de sociedade em que ela estava, não precisava muito para alguém se arruinar. Só como exemplo, ela poderia ficar arruinada apenas por se encontrar sozinha, com roupa imprópria, no quarto do vilão mais detestado – e mais nu, no momento – da aristocracia.

– Você precisa ir embora – ele disse. – Agora mesmo.

– Não posso. Não antes de pegar...

– Espere aqui. Vou me vestir e depois irei acompanhá-la até sua casa.

Com discrição.

– Mas...

– Sem discussão – ele grunhiu.

Gabe tinha lutado para sair das sarjetas usando os aristocratas arruinados de Londres como degraus em sua trajetória. Mas ele não tinha se esquecido de onde vinha. Gabe tinha aprendido a falar e se comportar como as pessoas que se consideravam melhores do que ele. Mas aquele menino de rua ainda vivia dentro dele – incluindo a voz de trombadinha que fazia as senhoras aristocratas agarrarem suas bolsas com medo. Quando ele decidia usar essa voz, raramente não o obedeciam.

Mas Lady Penélope Champion não parecia estar lhe dando atenção.

Seu olhar estava focado em algo atrás dele, acima de seu ombro. Por instinto, ele começou a virar a cabeça.

– Pare – ela disse, com absoluta calma. – Não se mexa.

Uma ave pousou em seu ombro. Uma papagaia, ela disse? As garras da criatura arranharam sua pele. Seus músculos se contraíram com o impulso de afastar o animal.

– Não, espere – ela disse. – Vou pegá-la.

Em geral, Gabe não aceitaria receber ordens de uma mulher – ou de ninguém, na verdade. Contudo, essa era uma situação bastante incomum.

– **Menina linda** – falou a ave.

Gabe apertou o maxilar. **Você acha que eu não reparei nisso, sua maldita pomba pretenciosa.**

Penny se aproximou dele com cuidado, deslizando silenciosamente pelo tapete, um pé atrás do outro. Ao se aproximar, palavras doces caíam de seus lábios, como gotas de mel.

– Isso mesmo, querida – ela murmurou.

Os pelos finos da nuca dele se eriçaram.

– Fique... bem... aí.

Os pelos dos braços dele também se eriçaram.

– Isso – ela suspirou. – Assim mesmo.

Agora os pelos de suas panturrilhas se eriçaram. Droga, ele tinha pelos demais. Ao fim disso, estariam todos em pé.

Assim como outras partes de seu corpo.

– Não se mexa – ela disse.

Gabe não podia falar pela papagaia, mas ele estava começando a se mexer. Uma parte dele tinha vontade própria, principalmente quando se tratava de mulheres lindas usando camisolas translúcidas. Fazia algum tempo que ele não se deitava com uma mulher, mas seu corpo não tinha se esquecido de como a coisa funcionava.

Ele não conseguiu se conter e olhou para o rosto dela. Só por meio segundo. Não tempo o suficiente para examinar cada feição. Na verdade, ele não foi além dos lábios. Lábios exuberantes como pétalas, pintados de rosa suave.

Ela chegou tão perto. O suficiente para que, quando inspirou, pudesse inalar seu aroma. Um aroma delicioso. Um desejo discreto cresceu no seu peito.

– Sei que está se sentindo perdida. E um tanto assustada. Você sente muita falta dela, não é? Mas estou aqui, querida. Estou aqui.

As palavras dela fizeram uma dor estranha se espalhar dos dentes aos pés dele. Uma consciência dolorosa de todos os seus lugares vazios.

– Venha para casa comigo – ela sussurrou. – E vamos resolver o resto juntas.

Ele não aguentava mais.

– Pelo amor de Deus, tire essa coisa maldita de mim.

Enfim, ela pegou o animal emplumado.

– Pronto. – Aninhando Dalila em seus braços, ela levou a papagaia até a gaiola e a prendeu.

Gabe suspirou de alívio.

– Ela ficaria mais calma se eu cobrisse a gaiola – disse a linda invasora. – Você pode me emprestar uma toalha?

Ele olhou para a peça enrolada em sua cintura.

– Você quer mesmo?

O rosto dela ficou vermelho.

– Deixe para lá. Vou embora.

– Vou acompanhar você.

– Não precisa, de verdade. É a casa ao lado. São menos de vinte passos de distância.

– São vinte passos demais.

Gabe talvez não agisse de acordo com as normas da sociedade, mas as compreendia o suficiente para saber que a presente situação violava pelo menos dezessete dessas normas.

E qualquer coisa que prejudicasse a reputação dela diminuiria o lucro que ele poderia ter com a casa.

Até vender a propriedade, o valor de Lady Penélope estava ligado ao dele.

– Vossa senhoria está sem dúvida acostumada a fazer o que quer. Mas já arruinei lordes, baronetes, cavaleiros e cavalheiros o bastante para encher a Praça Bloom. – Ele arqueou uma sobrancelha. – Acredite quando digo que você encontrou alguém à sua altura.

## Capítulo dois

Penny observou em silêncio o Gabriel Duke fazer meia-volta e entrar no quarto de vestir.

Então, ela se derreteu em uma poça trêmula no chão.

Céus!

Gabriel deixou a porta entreaberta. Quando a toalha dele caiu no chão, Penny viu de relance suas nádegas musculosas e rijas antes de desviar o olhar.

Oh, Senhor! Oh, Senhor! Oh, Senhor!

Após trancar a gaiola de Dalila e verificar a tranca só para garantir, Penny levantou e tentou se recompor.

Ela olhou para o roupão que vestia. A estampa desbotada estava fora de moda há anos e as pontas da faixa, vergonhosamente desfiadas – vítimas das brincadeiras de muitos gatinhos. E seu cabelo... Ah, ela só podia imaginar o estado de seu cabelo após essa aventura.

Penny observou-se no espelho da penteadeira. Pior do que receava. Sua trança fazia a crista bagunçada de Dalila parecer um primor. Ágil, Penny desamarrou a tira de tecido que segurava sua trança, penteou o cabelo com os dedos e, depois, refez a trança e amarrou a ponta.

Ela fitou o espelho de novo. Melhor, ela avaliou. Não muito melhor, mas melhor.

– **Menina linda!**

No quarto de vestir, o Sr. Duke soltou um grunhido de aborrecimento.

– Sinto tanto pela invasão – ela falou alto. – Faz poucas semanas que Dalila veio morar na Praça Bloom. A antiga dona faleceu e papagaios são fiéis e inteligentes. Não raro vivem mais que seus companheiros humanos. Então, ela não apenas foi tirada de sua casa, mas também está de luto.

– Devo dizer que ela não me parece lá muito triste.

– Ela diz as coisas mais engraçadas, não é mesmo? “Menina linda” e “sim” e... Você ouviu essa? “Quer uma...” o quê? Eu nunca entendo o que ela diz no fim. Com certeza não é biscoito. “Quer uma soda”, talvez? Mas quem dá refrescos a um papagaio? Parece muito algo como “quer uma fossa?”, mas isso faz ainda menos sentido. Preciso dizer que o mistério está me deixando um pouco maluca.

– É foda.

Penny congelou.

– Bem, não estou **tão** incomodada.

Ele voltou ao quarto, agora vestindo calças e uma camisa desabotoada.

– É o que a papagaia está dizendo. “Quer uma foda, amor?”. A ave veio de um bordel.

Penny passou alguns momentos em um silêncio escandalizado. Nunca alguém falara com ela dessa maneira – mas essa não era a parte inquietante. O que a inquietava era o quanto tinha gostado daquilo.

– Não pode ser – ela disse. – Dalila pertencia a uma senhorinha. Foi o que me disseram.

– Prostitutas também envelhecem.

– **Menina linda.** – Dalila deu um assobio atrevido. – **Quer uma f...**

Penny levou a mão à boca.

– Oh, não.

– **Sim! Sim! Ooh! Sim!**

O Sr. Duke sentou-se para calçar as botas.

– Por favor, diga-me que não preciso traduzir essa parte para você.

Penny não conseguiu pensar em nada que pudesse tornar a situação menos horrível. Mas não conseguia dizer uma palavra sequer. Não que tivesse perdido a língua. Sua língua tinha secado e morrido.

Botas calçadas, ele foi em passos largos até a porta e a abriu para ela. Grata, Penny pegou a gaiola e apressou-se em sair.

– Sei como a reputação de uma lady pode ser frágil – ele disse. – Então, para que fique claro... ninguém poderá saber que você esteve aqui.

– Lady Penélope?

Penny quase pulou para fora de si mesma.

A governanta, Sra. Burns, estava parada no corredor. Seus olhos desviaram-se para o patrão.

– Sr. Duke.

Ele praguejou baixo. Se fosse o tipo de pessoa que usava palavras de baixo calão, Penny também teria praguejado.

A Sra. Burns administrava a casa Wendleby desde sempre, pelo que Penny lembrava. Quando era criança, a governanta a aterrorizava.

Pouco tinha mudado nesse aspecto. A mulher estava mais assustadora agora, vestida de preto da cabeça aos pés, com o cabelo dividido rigorosamente ao meio. A vela que segurava projetava sombras macabras em seu rosto.

– Posso ajudar de alguma forma? – Ela entoou, solene.

– Minha papagaia entrou pela janela e eu vim pegá-la – Penny apressou-se em explicar. – O Sr. Duke foi muito gentil e me ajudou. Sra. Burns, talvez pudesse fazer a gentileza de me acompanhar até minha casa?

– Seria prudente. – A governanta lhe deu um olhar de reprovação. – Se posso sugerir, milady, no futuro acorde um criado para lhe abrir a porta da casa.

– Oh, isto não vai acontecer outra vez. – Penny olhou de relance para o Sr. Duke enquanto se dirigia para a escada. – Eu prometo.

Na verdade, Penny tinha arquitetado um plano simples para lidar com aquela situação.

Agradecer ao Sr. Duke pela ajuda...

Retirar-se calmamente...

E, então, nunca mais sair de sua própria casa.



Como dono de propriedades por toda a Grã-Bretanha – hotéis, residências, minas, fábricas, propriedades rurais –, Gabe estava acostumado

a acordar em quartos estranhos. Três coisas, contudo, nunca mudavam.

Ele sempre acordava com o Sol.

Sempre acordava faminto.

E sempre acordava sozinho.

Ele tinha uma série de regras quanto a encontros sexuais – ele não pagava, não implorava e, com toda certeza, jamais se casaria para ter sexo. Quando estava em Londres, não tinha dificuldade de encontrar amantes descompromissadas, mas recentemente mudava tanto de um lugar para outro que não conseguia tempo para isso.

Nesta manhã, em especial, ele sentou-se na cama, sacudiu a cabeça e familiarizou-se com o ambiente. Mayfair. Praça Bloom. A casa que deveria lhe trazer um lucro satisfatório, depois que estivesse pronta para ser vendida.

A casa ao lado da **dela**. Da Lady Penélope Champion – a solteirona esfarrapada, envelhecida e sem graça que...

Que não era nada disso. Nem de longe.

Por acaso, Lady Penélope Champion revelou-se uma beleza com cabelos claros e olhos azuis.

Em sua mente, ele ainda podia vê-la, de roupão, esparramada em sua cama. Como uma Cachinhos Dourados adulta, que invadiu sua casa sem ser convidada para testar o colchão. Macio demais, duro demais...?

Ele não sabia a opinião dela, mas a reação de Gabe foi a segunda. Seu pau estava na costumeira posição matinal, a pleno mastro.

Gabe esfregou o rosto com a mão e foi cambaleando até o banheiro.

Cansado demais da viagem para inspecionar as novas instalações no dia anterior, tudo parecia em ordem pela manhã. O chão em placas de mármore e uma imensa banheira de cobre, completa, com torneiras para água corrente quente e fria.

Na noite passada, ele tinha se conformado com um rápido banho frio, mas hoje ele tomaria um quente. Ele se acomodou na banheira e abriu a torneira marcada com um “Q”. Esta tremeu, mas se recusou a fornecer água. Gabe a sacudiu de leve, depois deu-lhe um tapa. Nada.

Em toda a sua vida, ele nunca recuara de uma luta, e esse devia ser o confronto mais fútil de todos: trocar tapas com uma torneira.

Ele bateu no cano e, enfim, a torneira cedeu, com um rangido e um gemido. Um jato de água fria atingiu seu rosto. Agulhas de gelo espetaram

os olhos, a boca. Maldição, até entraram em seu nariz!

Primeiro **round** para a torneira.

Bloqueando o jato com uma das mãos, ele fechou a torneira “Q” com a outra. Aborrecido, abriu a marcada com “F”. Um banho frio tinha seus benefícios. Após alguns minutos esfregando-se com uma água tão gelada que fez suas bolas encolherem, conseguiu tirar a vizinha de lábios cheios e rosados de sua cabeça.

Quase.

O restante de sua higiene matinal foi simples. Escovou os dentes, barbeou-se, penteou para trás o cabelo rebelde e vestiu-se.

Antes de sair do quarto, pegou a moeda de prata na penteadeira – um xelim, liso de tanto ser manuseado – e a enfiou no bolso do colete. Ao longo dos anos, aquele xelim tinha se tornado seu talismã. Um lembrete de onde tinha vindo, de quão alto tinha subido. Gabe nunca ia a lugar algum sem seu xelim.

– Hammond! – ele gritou, após abrir a porta.

Seu arquiteto apareceu um minuto depois, ofegante por subir a escadaria.

– Bom dia, Sr. Duke.

– O dia até podia estar bom se a torneira de água quente, pela qual paguei centenas de libras para instalar, estivesse funcionando. – Ele meneou a cabeça. – Esta casa devia estar terminada meses atrás.

– Eu sei que essa era a esperança do senhor.

– Era minha **expectativa** – Gabe o corrigiu. – Gastei três anos no cartório de imóveis para desembaraçar este lugar e adquiri-lo. Estou gastando milhares de libras para modernizar a casa. Mas não posso obter lucro até vendê-la.

– Como indiquei em minha correspondência, Sr. Duke, houve alguns obstáculos.

– Você os chama de obstáculos. Para mim, parecem desculpas. – Ele gesticulou para a bacia de água. – Você me disse que esta era a inovação mais recente. Água quente corrente.

– E **é** a mais recente inovação. Tão recente, de fato, que o seu é apenas o segundo aquecedor deste tipo na Inglaterra. Só existe um homem deste lado do Canal da Mancha que saberia como consertá-lo.

– Então, traga o homem aqui para consertar essa porcaria.

– Bem, sim, aí é que está o obstáculo. – Hammond passou as duas mãos pelo cabelo grisalho. – Esse homem, em particular, está morto.

Gabe soltou um palavrão.

– Ponha o outro num navio, então.

– Já está vindo.

Enquanto caminhavam pelo corredor, Gabe parava para espiar pelas portas abertas, avaliando o progresso em cada cômodo. Sem papel de parede em um, sem cornija no outro...

Inaceitável.

– Fale-me, então, desses “obstáculos” que você tem encontrado.

Hammond olhou para baixo, na escadaria, e baixou a voz, falando sem mover os lábios.

– Estou olhando para um deles agora mesmo.

Gabe olhou na mesma direção.

– A governanta?

– Ah, que bom – ele murmurou. – O senhor também a está vendo.

– Não deveria ver?

– Não sei. Não tenho certeza de que ela é humana. Às vezes, acho que é um fantasma que assombra este lugar há séculos.

Gabe fitou o arquiteto com preocupação. Quem sabe Hammond não precisava de uma folga. O homem estava ficando velho.

Ele avaliou a governanta à luz do dia. A mulher se conduzia com uma postura rigorosa e sua aparência podia muito bem ter sido desenhada com carvão – do cabelo preto penteado com severidade, passando pelo vestido preto todo fechado, até os lustrosos sapatos pretos.

– Ela me parece uma governanta típica, se quer saber.

– Não há nada de típico nessa mulher – Hammond disse. – Você vai ver. Juro que ela consegue atravessar as paredes. Aparece do nada. Você está andando por um corredor absolutamente vazio e, de repente, lá está ela, bem na sua frente.

Gabe tinha que admitir que, na noite passada, a Sra. Burns tinha aparecido do nada.

– Eu sou um arquiteto. Se houvesse corredores secretos nesta casa, eu saberia. Mas não há. Estou lhe dizendo, ela é algum tipo de espírito. Espero que o senhor a demita, mas não sei se funcionaria. Acho que vai ser necessário um exorcismo.

– Encontrar e treinar uma substituta adequada seria uma tarefa monumental. – Gabe sabia o valor de um empregado competente e, após a noite passada, ele não daria àquela mulher nenhuma razão para sair espalhando boatos por vingança. – Enquanto for leal, ela fica.

– Ela é leal até **demais**. Não quer que nada seja mudado. Etapas que foram feitas em um dia, misteriosamente aparecem desfeitas na manhã seguinte.

– Então ela está interferindo?

– Isso ou está fazendo feitiços.

– Não vou demiti-la. Quando as pessoas são competentes no que fazem, eu as mantenho. – Ele olhou torto para Hammond. – Mesmo quando são chatas.

– Eu receava que dissesse isso. – Hammond suspirou. – Pode-se dizer qualquer coisa da criatura, porém ela conhece de fato a casa. Melhor do que você conhece um xelim.

**Duvido disso.**

– Mas depois que ela o deixar tremendo de medo – Hammond o alertou –, não venha bater na minha porta no meio da noite. Não deixarei você entrar.

– Que decepção!

Eles desceram o restante da escadaria e entraram na sala de café da manhã. Uma tigela de frutas jazia sobre a mesa. Gabe ficou com água na boca, mas, como sempre, seu instinto foi hesitar.

**Não toque nisso, rapaz. Não é para os da sua laia.**

Não importava quanta riqueza ele juntasse, parecia que nunca se livraria daquela voz. E não importava o quanto ele devorasse, a satisfação nunca vinha. A fome parecia nunca desaparecer.

Pegou uma maçã, lustrou-a no colete e deu uma mordida irreverente.

– E lá está seu terceiro problema. – Hammond indicou a janela com a cabeça. – Bem ali, na praça. Lady Penélope Champion.

Gabe aproximou-se da janela. Ela parecia diferente esta manhã. Diferente, mas não menos bonita. O Sol da primavera emprestava um brilho dourado ao seu cabelo, e o vestido simples definia os contornos de suas curvas graciosas e tentadoras. Mesmo à distância, ele podia ver o sorriso dela.

Por mais que fosse linda, não era o tipo usual de Gabe. Ele não queria nada com mocinhas delicadas e mimadas que não conheciam o mundo além de Mayfair. Elas eram como porcelana pintada em uma prateleira alta, e ele era o touro que invadia a loja.

Era preocupante, portanto, que Lady Penélope estivesse começando a mexer com ele.

Gabe deu outra mordida na maçã, chegando ao miolo da doce fruta.

Ele observou os movimentos de Lady Penélope no meio da praça. Em sua mão enluvada, ela segurava uma guia, cuja extremidade estava presa em... alguma coisa peluda e marrom que **rolava**.

– O que é aquilo?

– Aquilo seria um vira-lata com as duas patas traseiras aleijadas. Parece que a amiga de Sua Senhoria projetou uma pequena carruagem para a traseira do animal e o cachorro roda pela vizinhança como uma bola de bilhar que late. Se acha isso estranho, espere até ver a cabra.

– Espere um instante. Ela tem uma **cabra**?

– Ah, sim. Ela pasta na praça a tarde toda. Isso não aumenta o nível da Praça Bloom, concorda?

– Estou vendo o problema.

– E só estou começando. Sua Senhoria conseguiu, sozinha, atrasar a reforma em um mês. – Hammond tirou uma série de cartas de uma pasta. Ele ergueu uma e começou a ler. – “Prezado Sr. Hammond, preciso solicitar que o senhor atrase a finalização do piso de tacos. O cheiro do verniz está deixando as galinhas tontas. Atenciosamente, Lady Penélope Champion”.

Ele pegou outra.

– “Prezado Sr. Hammond, receio que a reforma da estrebaria precise ser temporariamente suspensa. Encontrei uma ninhada de gatinhos no palheiro. A mãe deles está cuidando de seus filhotes, mas como ainda não abriram os olhos, não podem mudar de lugar por mais uma semana. Obrigada por sua cooperação. Agradecidamente, Lady Penélope Champion”.

Gabe percebeu um padrão.

– Oh, e esta é a minha favorita. – Hammond sacudiu uma carta para abri-la e pigarreou, para obter um efeito dramático. – “Prezado Sr. Hammond, se não for muito trabalho, posso lhe pedir que seus operários

não façam trabalho pesado entre nove da manhã e três e meia da tarde? Porcos-espinhos são animais noturnos, sensíveis a barulhos altos. Minha querida Freya está perdendo espinhos. Tenho certeza de que isso o preocupa tanto quanto a mim. Sua vizinha, Lady Penélope Champion”. – Ele jogou o maço de cartas sobre a mesa, onde pousaram com um baque surdo. – Ela tem um **porco-espinho**. Sério.

Lá fora, Sua Senhoria levava o cachorro de volta para casa, carregando tanto o animal quanto o carrinho pelos poucos degraus da porta. Gabe deu as costas à janela, massageando as têmporas.

– A situação é insustentável e torna a casa impossível de vender – prosseguiu Hammond. – Ninguém vai querer morar ao lado de uma fazenda. Tentei argumentar, mas quando se trata desses animais, ela surpreende de tão obstinada.

Obstinada mesmo. E imprudente o bastante para invadir uma casa após a meia-noite e pegar um papagaio do ombro de um estranho seminu.

Contudo, mesmo esse nível de obstinação não tinha chance contra a crueldade. Lady Penélope Champion tinha um fraco por animais. Gabe não tinha nenhum fraco por nada.

– Você cuide para que o trabalho seja finalizado e traga os potenciais compradores. – Gabe jogou o miolo da maçã na lareira. – Deixe que eu cuide de Lady Penélope Champion.

## Capítulo três

Pelos padrões da sociedade, Penny não tinha muitas qualidades. Filha de um conde, ela recebera a melhor educação possível. Governantas fluentes em três idiomas, dois anos inteiros na escola preparatória e, depois, professoras particulares de Artes, Música e Dança.

Nada disso vingou. Ela nunca encontrou um instrumento musical disposto a lhe render uma melodia, não importava como dedilhasse, tocasse ou implorasse. No desenho, tinha conseguido uma competência mínima.

E dançar? Impossível.

Contudo, Penny emergira da adolescência com uma qualidade incomparável.

Compaixão.

Nada lhe agradava mais do que cuidar daqueles ao seu redor. Alimentá-los, aquecê-los, protegê-los... dar-lhes um lar. Ela distribuía carinho de uma fonte interminável.

O único problema era que estava ficando sem ter pessoas ao seu redor para receber esse carinho.

Tinha a família, claro. Mas seus pais tinham ido para a Índia como diplomatas. Seu irmão mais velho, Bradford, vivia em Cumberland com a

esposa e administrava a propriedade da família. Timothy, o irmão do meio, tinha entrado para a Marinha Real.

Ainda assim, ela tinha as amigas mais maravilhosas. Não se importava que as garotas da escola preparatória tivessem escarnecido dela. Penny acolhia as desajustadas da Praça Bloom. Emma, Alexandra e Nicola. Juntas, visitavam as livrarias, passeavam no parque e reuniam-se em sua casa para o chá da tarde às quintas-feiras.

Ou, pelo menos, era o que costumavam fazer antes de suas amigas começarem suas próprias famílias. Primeiro, o casamento de Emma com o Duque de Ashbury tinha passado de um casamento de conveniência para um amor passionai. Em seguida, Alex tinha enfeitado o mulherego mais famoso de Londres e se tornou a Sra. Chase Reynaud. E a brilhante e criativa Nicola...?

Penny fitou a mensagem que tinha acabado de receber, concentrando-se para entender os garranchos apressados:

*Hoje não posso. Os biscoitos queimaram. Estou perto  
de uma descoberta. Próxima quinta?*

*Com carinho, N.*

Penny pôs de lado o pedaço de papel queimado e olhou para a bandeja de sanduíches na mesinha de chá – todos sem a casca e prontos para uma reunião que não aconteceria.

Ainda bem que, em sua casa, era raro comida ser jogada fora.

Pegando um sanduíche, ela se abaixou e assobiou. Bixby veio correndo pelo corredor, suas patas dianteiras estalando nas tábuas do piso e as patas traseiras acomodadas na engenhosa carruagem projetada por Nicola.

Após cheirar várias vezes o triângulo sem casca, o cachorro deu uma lambida cuidadosa no pão.

– Pode comer – ela o encorajou. – É uma receita nova. Você vai gostar.

Assim que Bixby enfiou os dentes pontudos no sanduíche, a campainha tocou. Penny correu para atender. No último instante, hesitou com a mão na maçaneta.

Será que era ele?

Não podia ser, Penny refletiu.

Mas e se fosse?

Sentindo a hesitação dela, Bixby ganiu e encostou o focinho em seu tornozelo. Inspirando fundo para acalmar seus nervos, Penny abriu a porta.

– Oh – ela disse, tentando não parecer decepcionada. – Tia Caroline.

Sua tia entrou na casa do modo habitual – como uma viajante esnobe que desembarca num país estrangeiro, visitando uma terra onde o povo nativo fala uma outra língua, usa uma moeda diferente e adora outros deuses. Os olhos da tia observaram o local com um tipo de interesse distante, presunçoso. Como se ao mesmo tempo que não desejava compreender essa cultura exótica, estivesse estudando-a.

Mais do que tudo, ela tomava cuidado com onde pisava.

Após terminar seu exame silencioso da sala de visitas, soltou um suspiro cansado.

– Oh, Penélope.

– Também acho ótimo vê-la, tia.

Os olhos da tia pararam na cesta forrada com uma colcha perto da lareira.

– Esse ainda é o mesmo porco-espinho?

– Sente-se, por favor. – Penny decidiu mudar de assunto. – Vou pedir que preparem um chá fresco.

– Obrigada, mas não. – A tia pegou um tufo de pelo de gato da poltrona, segurando-o entre o polegar e o indicador, longe do corpo. Fazendo uma careta para a bola de pelos, ela a soltou, observando-a cair flutuando até o chão. – De qualquer modo, o que tenho para lhe dizer não vai levar muito tempo. Recebi uma carta de Bradford. Ele insiste que você retorne a Cumberland.

Penny ficou perplexa.

– Para passar o verão?

– Para passar o resto de sua vida, acredito.

**Não.**

**Não, não, não.**

A tia levantou a mão, protegendo-se da discordância.

– Seu irmão me pediu para lhe dizer que virá a Londres dentro de um mês. E me pediu para garantir que você se prepare para acompanhá-lo na

viagem de volta.

Penny sentiu o coração apertar. Ela era uma mulher adulta, portanto, não podiam lhe ordenar que pegasse suas coisas e se mudasse para um dos confins mais distantes da Inglaterra. Contudo, esse era o problema – embora fosse adulta, continuava sendo uma mulher. A casa em que morava pertencia ao seu pai e, enquanto ele estivesse fora do país, Bradford estava no comando. Penny morava na Praça Bloom por uma concessão do irmão. Se ele exigisse que se mudasse para Cumberland, ela não teria escolha.

– Tia Caroline, por favor. Você não pode escrever para ele e convencê-lo a mudar de ideia?

– Não vou fazer nada disso. Acontece que concordo com seu irmão. Na verdade, eu mesma lhe sugeri isso. Prometi aos seus pais que cuidaria de você, mas agora que a guerra terminou... pretendo viajar ao continente. E você não deveria morar sozinha.

– Eu tenho 26 anos e não estou morando sozinha. Eu moro com a Sra. Robbins.

Sem falar nada, a tia pegou a sineta na mesa de chá e a tocou de leve.

Vários momentos se passaram. Nada da Sra. Robbins.

Tia Caroline esticou o pescoço em direção ao corredor principal e ergueu a voz:

– Sra. Robbins!

Penny cruzou os braços e suspirou, entendendo muito bem o que a tia estava querendo dizer.

– Ela sempre cuidou muito bem de mim – disse.

– Ela não está mais cuidando de você – contestou a tia. – É você que está cuidando dela.

– Só porque a pobre velhinha não está bem da audição...

Tia Caroline bateu com o pé três vezes no chão – **blam, blam, blam** – e gritou:

– SRA. ROBBINS!

Finalmente, o som de passos idosos, arrastados, veio dos fundos da casa até a sala de visitas.

– Minha nossa! – disse a Sra. Robbins. – Se não é Lady Caroline. Não sabia que milady estava aqui. Aceita um chá?

– Não, obrigada, Robbins. Você já foi bastante útil.

– Fui? – A velha senhora pareceu confusa. – Sim, é claro.

Depois que a Sra. Robbins saiu da sala, Penny se dirigiu à tia.

– Não quero ir embora. Estou feliz morando na cidade. Minha vida é aqui. Todas as minhas amigas estão aqui.

– Sua vida e suas amigas estão... onde?

Tia Caroline deu um olhar significativo para cada uma das poltronas vazias, para as bandejas com chá frio e sanduíches intactos e, enfim, para os gatinhos que desfiavam as cortinas com suas garrinhas.

– Eu também tenho amigas humanas – Penny disse, defensiva.

A tia pareceu duvidar.

– Eu tenho. Várias amigas.

A tia olhou para a salva de prata no hall de entrada. A salva onde cartões de visitas e convites costumavam ficar – ou melhor, deveriam ficar, se Penny os recebesse, o que não acontecia. A salva estava vazia.

– Algumas das minhas amigas estão fora de Londres. – Ciente de como soava absurda, ela acrescentou: – E outras são cientistas malucas.

Outro suspiro de pesar da tia.

– Precisamos encarar a verdade, Penélope. Está na hora.

**Está na hora.**

Penny não precisou perguntar o que a tia queria dizer com isso. A insinuação era clara.

Tia Caroline queria dizer que estava na hora de desistir.

Hora de Penny voltar para a propriedade da família em Cumberland e resignar-se ao seu destino: a vida de solteirona. Precisava assumir o papel de tia solteira e parar de constranger tanto a família quanto a si mesma.

Após nove anos em Londres, Penny não tinha se casado. Ela nunca teve nenhum pretendente sério. E raramente frequentava a sociedade. Para ser honesta, ela devia riscar “raramente” e substituir por “nunca”. Penny não tinha nenhum interesse intelectual como arte, ciência ou poesia. Não participava de salões literários nem de protestos por reformas sociais. Ela ficava em casa com seus animais e, convidava as amigas para o chá e...

E fora de seu círculo minúsculo, as pessoas riam dela.

Penny sabia disso. Tinha sido objeto de pena e zombaria desde sua desastrosa temporada de debutante. Isso não a incomodava, exceto... bem, exceto quando incomodava.

Sendo uma pessoa que queria gostar de todo mundo, ficava magoada ao saber que nem todos gostavam dela.

Há muito a sociedade desistira dela. Agora, sua família fazia o mesmo.

Mas Penny não desistiria de si mesma. Quando a tia fez menção de ir embora, ela a agarrou pelo braço.

– Espere. Não há nada que eu possa fazer para que mude de ideia? Se você me defender, sei que Bradford vai reconsiderar.

A tia permaneceu em silêncio.

– Tia Caroline, por favor. Eu lhe imploro.

Penny não podia voltar para Cumberland, para a casa onde tinha passado os momentos mais sombrios de sua vida. A casa onde aprendeu a engarrafar sua vergonha e guardá-la num lugar escuro, fora de vista.

**Você sabe guardar um segredo, não sabe?**

A tia apertou os lábios.

– Muito bem. Para começar, você poderia encomendar um novo guarda-roupa. Peles e plumas podem ser muito interessantes, mas apenas quando usadas de propósito e de um modo elegante.

– Eu posso encomendar um novo guarda-roupa.

As roupas novas não incluiriam peles nem plumas, mas Penny podia prometer que seriam novas.

– E depois que tiver as novas peças, precisa usá-las. Na ópera. Em jantares. Um baile seria preferível, mas nós duas sabemos que seria pedir demais.

**Ai.** Penny nunca conseguiria esquecer aquela cena humilhante.

– Você precisa aparecer em **algum lugar** – a tia disse. – **Qualquer lugar.** Quero vê-la em uma coluna social, para variar.

– Posso fazer isso, também.

**Eu acho.**

Considerando há quanto tempo estava fora de circulação, convites para jantares e teatro seriam mais difíceis de se conseguir do que alguns vestidos da moda. Mesmo assim, seria possível obtê-los.

– Por fim, e mais importante... – tia Caroline fez uma pausa dramática.

– Precisa fazer algo a respeito de todos esses animais.

– O que você quer dizer com “fazer algo” a respeito deles?

– Livrar-se deles. De todos.

– De todos? – Penny titubeou. Impossível. Ela poderia encontrar lares para os gatinhos. Esse sempre foi o plano. Mas Dalila? Bixby? Angus, Bem-me-quer, Hubert e os outros? – Não posso. Simplesmente não posso.

– Então você não pode ficar. – A tia ajeitou as luvas. – Preciso ir. Tenho cartas para escrever.

– Espere.

Devia haver um modo de convencer a tia que não envolvesse abandonar seus animais. Talvez Penny pudesse enganá-la escondendo os bichinhos no sótão?

– Espero que não esteja pensando que pode escondê-los no sótão – a tia disse, sarcástica. – Eu acabaria descobrindo.

**Droga.**

– Tia Caroline, eu... Vou me esforçar. Só preciso de um pouco de tempo.

– De acordo com seu irmão, você tem um mês. Talvez menos. Você sabe tão bem quanto eu que uma carta demora quase uma semana para vir de Cumberland.

– Isso só me deixa três semanas. É quase nada.

– É o que você tem.

Penny começou imediatamente a rezar, com muita intensidade, pedindo chuva. Pensando bem, se levasse em conta a quantidade de chuva que costumava cair na Inglaterra durante a primavera, ela precisava rezar por algo mais. Tempestades torrenciais, do tipo que inundam estradas e arruinam pontes. Um dilúvio bíblico. Uma praga de rãs.

– Se, quando seu irmão chegar, eu estiver convencida de que existe algo além de pelo de animais que a mantém em Londres...? Então, e só então, posso me convencer a intervir.

– Muito bem – Penny disse. – Temos um acordo.

– Um acordo? Isto não é um acordo, minha garota. Não lhe dou nenhuma garantia e não estou convencida de que você esteja à altura do desafio. Quanto muito nós temos uma aposta... e suas chances não são nada boas.

Chances nada boas, de fato. Depois que a tia partiu, Penny fechou a porta e desabou sobre ela.

**Três semanas.**

Três semanas para salvar as criaturas que dependiam dela.

Três semanas para se salvar.

Penny não fazia ideia de como conseguiria, mas essa era uma aposta que ela precisava vencer.

## Capítulo quatro

Após o infeliz encontro com a tia, Penny não imaginava que seu dia pudesse piorar. Mas o pior aconteceu na forma do Sr. Gabriel Duke, que atravessou a praça vindo em sua direção bem na hora de seu passeio diário com Bem-me-quer.

O Duque da Ruína, diziam. Penny não sabia se o homem fazia jus ao apelido que os tabloides lhe pregaram, mas, com certeza, ele foi o Duque que Arruinou Sua Tarde.

– Lady Penélope. – Ele inclinou a cabeça em um relutante arremedo de reverência.

Penny precisou de alguns momentos antes de conseguí-lo. Ela observou sua aparência a partir dos pés. A roupa fina dizia “homem elegante”. O restante de sua aparência subtraía “elegante” e dizia apenas “homem”. Embora ele devesse ter se barbeado entre a noite passada e esta tarde, a sombra da barba subia pelo seu pescoço até o maxilar bem definido.

– Bem?

Droga. Ele devia ter lhe feito alguma pergunta, mas ela estava tão perdida no meio da floresta sombria que era a barba dele que não tinha ouvido.

Penny resolveu ignorar o efeito que ele produzia nela. Essa resolução durou cerca de nove segundos.

Quando ele falou de novo, sua voz soou deliciosamente grave e íntima.

– Nós precisamos conversar.

Ela se encolheu. Penny estava com medo de que ele dissesse isso.

– Não podemos concordar em esquecer que a noite passada aconteceu?

– Receio que tenha sido inesquecível.

Disso ela não podia discordar.

– Sinto muito pela papagaia. E pela invasão. E pelo arrombamento.

– Não estou aqui para falar da papagaia. No momento, minha preocupação é a cabra.

– Por que está preocupado com Bem-me-quer?

– Deixe-me começar dizendo o seguinte: sou diferente da maioria dos homens que você conhece.

Ela quase riu alto. Que eufemismo!

Penny tinha seus conhecidos, mas havia muita diferença entre conhecidos amigáveis e um confronto a curta distância com uma masculinidade indômita. A sensação era de que alguém tinha batido com uma marreta em um gongo de feminilidade no fundo de seu abdome, e agora as vibrações viajavam por seus ossos, invocando uma forma antiga, primitiva.

Penny só conseguiu pensar em um nome para isso: desejo.

Não fazia sentido. Ela sempre fora romântica. Vibrava com os romances improváveis das amigas. Acreditava no destino, em almas gêmeas, em amor à primeira vista.

Penny não queria nada disso com Gabriel Duke. O que queria era rasgar a roupa dele e admirá-lo – todo ele – do modo como tinha feito na noite anterior. O quarto dele estava escuro demais e ela não teve coragem de encará-lo. Quando veria um homem tão grande, vestindo tão pouco, outra vez?

Nunca era quando.

Esse pensamento a deixou irritada e aborrecida.

**Bom Deus, Penny. Ele é uma pessoa, não uma mera coleção de músculos com uma intrigante distribuição de pelos.**

– Ao contrário da maioria dos cavalheiros, eu não herdei uma fortuna – ele continuou. – Conquistei minha riqueza, o que consegui adquirindo

coisas subvalorizadas e as vendendo por mais do que eu tinha pagado por elas. O que me gerava um lucro. Está me entendendo?

– Se está me perguntando se eu compreendo matemática básica, então, sim, eu o entendo.

– Ótimo – ele olhou na direção da casa que, de modo tão inconveniente, era contígua à dela. – Quando os Wendleby não puderam pagar suas dívidas, eu adquiri a propriedade deles. Agora, pretendo vendê-la com lucro.

– E, assim, começou a reforma que dura vários meses.

– A reforma vai aumentar o valor da casa, mas o principal atrativo para vender a propriedade está bem aqui.

– Está falando da praça?

– Estou falando de você.

– De mim? – As palavras dele a pegaram de surpresa.

– De você mesma. Faz ideia de quanto uma família que deseja subir na sociedade pagaria para morar vizinha a uma lady?

– Não.

– Bem, eu faço. E é um número absurdo. Essas pessoas se imaginam fazendo amizade com a elite, subindo os degraus da sociedade, morando com elegância e luxo. Mas e se olharem pela janela da sala de estar e virem a vizinha aristocrata brincando de pastorinha de cabras pela praça, como uma imitação absurda de Maria Antonieta? Isso acaba com o glamour.

– As pessoas deixam seus cachorros correrem pela praça o tempo todo.

– Cachorros são animais de estimação.

– Bem-me-quer também é um animal de estimação. E ela precisa pastar. Não pode se alimentar apenas de alfafa. Fica toda inchada.

– Inchada? – Ele repetiu, incrédulo.

– A digestão dela é sensível.

– Isso não parece inchaço para mim. – Ele inclinou a cabeça e olhou para o abdome distendido de Bem-me-quer. – Parece que ela está grávida.

Penny recuou um passo, ofendida.

– Ela não está grávida. É impossível. Não há bodes num raio de quilômetros.

– Tem certeza disso?

– Sim, tenho certeza. Ninguém cria bodes no meio de Mayf... – ela mordeu a língua para não apoiar o argumento dele. – Estou lhe dizendo, é

impossível. Quando ela não está na estrebaria ou no jardim dos fundos, eu a conduzo com a guia curta.

Ele arqueou as sobrancelhas, com escárnio.

– Aposto que está falando como a guardiã de muitas jovens arruinadas deste bairro.

– Com licença! Bem-me-quer não é esse tipo de cabra.

– Tanto faz. Não me importa a virtude dessa criatura. Só quero que ela não apareça na praça.

– Já lhe disse que ela precisa pastar. Sua dieta requer folhas e gramíneas frescas. Feno e milho bastam para Angus, mas...

– Espere um pouco. Angus?

– Angus é um boi Highland. Eu o resgatei quando era um bezerro, mas tem três anos, agora. Mais crescido e saudável, impossível.

Ele piscou várias vezes.

– Você tem um touro adulto...

– Um boi.

– ...vivendo no seu quintal.

– Não seja bobo. Angus vive na estrebaria. A lontra mora no quintal.

– Uma lontra? – Ele grunhiu alguma coisa que soou como *Santa mãe imaculada das cabras*. – Isso é ridículo.

– Sr. Duke, a variedade de animais de estimação que eu tenho pode ser incomum, mas amor pelos animais não é. Você nunca teve um bichinho de estimação?

– Não.

– Não gosta de animais?

– Claro que gosto de animais. Assados. Fritos. Moídos e assados em uma torta. – Ele gesticulava muito. – Gosto de todos os tipos de animais.

Oh, aquele homem era impossível.

Não, Penny se corrigiu. O homem não era impossível. Até as criaturas mais indomadas, com os piores hábitos, podiam ser conquistadas com um pouco de paciência. Ela tinha transformado em animal de estimação feras piores do que Gabriel Duke.

Ela apenas não estava com disposição para tanto essa tarde. Só isso.

– Escute – ele disse. – Não tenho tempo para fazer um acordo. Eles precisam desaparecer. Todos eles. A cabra, o boi, a lontra, o papagaio, o porco-espinho e seja lá o que você tiver no sótão. Preciso que desapareçam.

– Que coincidência você dizer isso...

Desde que sua tia foi embora, Penny estava revirando o assunto na sua cabeça. Precisava arrumar novos lares para os animais. Ou ela fazia isso rapidamente e conseguia convencer a tia, ou teria que ir embora da Praça Bloom e, nesse caso, não poderia levar os animais consigo. Bradford nunca aceitaria levá-los para Cumberland. Se ela desafiasse a vontade do irmão, com certeza uma de suas amigas a acolheria em sua casa, mas Penny não podia pedir às amigas que também acolhessem algumas dezenas de animais.

De um modo ou de outro, teria que se despedir deles. E se quisesse permanecer na Praça Bloom, precisava não apenas encontrar novos lares para seus animaizinhos, mas desfazer uma década de isolamento social. Em três semanas.

Tudo isso parecia impossível.

– Acontece, Sr. Duke, que vai ter sua vontade atendida. Os animais irão embora dentro de um mês, de um modo ou de outro.

– Ótimo.

– Na verdade, é bem possível que eu também me vá.

– Espere. – As sobrancelhas dele convergiram em uma carranca. – O que foi que você disse?

– Meu irmão está exigindo que eu volte para nosso lar ancestral em Cumberland. Ele virá me buscar em três semanas. Isso significa que eu também vou embora da Praça Bloom. A menos que eu realize um milagre.

Ele praguejou baixo.

– Isso é inaceitável.

– Também não gosto da ideia, mas receio que nenhum de nós dois possa fazer muito a respeito. Precisarei ir. – Ela pegou a guia de Bem-me-quer. – Vamos, querida.

– Um milagre – ele disse, colocando-se à frente dela.

– Como?

– Você disse que terá que ir embora a menos que realize um milagre. Fale-me desse milagre.

– Não entendo por que você se importa.

– Ah, mas eu me importo – ele afirmou. – Eu me importo muito. Seja qual for esse “milagre”, vou realizá-lo.

– Você não conseguiria.

– Eu consigo e vou fazê-lo.

Céus. O olhar sombrio e intenso dele pregou suas sapatilhas no chão de cascalho. O coração de Penny martelou-lhe o peito. E, então, ele pronunciou as palavras ásperas, possessivas, que ela começou a duvidar que tivesse ouvido.

– Eu preciso de você, Lady Penélope Champion. Não vou deixar que vá embora.

## Capítulo cinco

Quando fez essa declaração firme, Gabe não esperava a reação de Lady Penélope. Primeiro ela pareceu surpresa, e depois...

Ela pareceu esperançosa?

– Você... – as faces dela tingiram-se de rosa. – Você *precisa* de mim?

Gabe precisava prosseguir com cuidado. Ela era protegida, ingênua. E não queria ser uma solteirona. Isso ficava claro só de encarar aqueles olhos azuis porcelana. Ela vinha guardando aquela doçura suave, corada, por anos, esperando para despejá-la no homem certo.

Gabe não era, e nunca seria, o homem certo. Nem para ela nem para ninguém. Se Sua Senhoria tinha formado alguma outra noção, era uma tola.

– Eu preciso que você – ele esclareceu – continue morando na Praça Bloom para conseguir vender minha casa com um belo lucro. O que pretendo fazer.

Ela piscou várias vezes seguidas.

– Mas é claro. Eu sabia disso. É gentil de sua parte oferecer ajuda, só isso.

*Gentil?*

Como ela era inocente. Se pudesse ver a feiura de seu passado, a fome impiedosa que consumia sua mente, as trevas de seu coração, ela entenderia a enormidade de seu engano. Mas ele nunca permitiria que alguém se aproximasse do gigantesco buraco vazio que era sua alma. Avisos de “não se aproxime” era o melhor que podia oferecer. Para seu próprio bem, era melhor que ela obedecesse aos avisos.

– Escute bem – ele disse, severo. – Meus motivos nunca são gentis. Tampouco são generosos, caridosos ou bons. São motivados por dinheiro e completamente egoístas. Seria bom que se lembrasse disso.

E que ele se lembrasse também.

– Então... – ele continuou –, quais são os termos desse milagre que mencionou?

– Minha tia prometeu que pode tentar convencer meu irmão a não me levar para o interior, mas só se eu satisfizer as condições dela.

– Que seriam...?

– Um guarda-roupa novo, da moda, para começar.

– Bem, isso nem é um desafio. Com certeza nada parecido com um milagre.

– Essa é a parte fácil, sim. Minha amiga Emma era costureira antes de se casar. Sei que ela pode me ajudar. – Lady Penélope inspirou fundo. – Mas tem outras condições. Tenho que começar a frequentar a sociedade outra vez.

Ele meneou a cabeça.

– Nós temos definições diferentes da palavra “milagre”? Porque isso também não me parece difícil.

– Você não compreende. Eu não frequento a sociedade há quase uma década. A esta altura, já se esqueceram até de que eu existo. Mas, de algum modo, devo fazer minha reentrada grandiosa. Ela quer me ver nas colunas sociais.

Gabe se viu forçado a admitir que isso soava um pouco mais complicado do que a primeira condição e claro que não era algo em que poderia empregar seus talentos. Ele não seria pego nem morto em um baile e, embora houvesse muitas menções a seu respeito nos jornais, nenhuma era nas colunas sociais.

Apesar de tudo, a tarefa era possível. Havia vários lordes e cavalheiros que lhe deviam e que Gabe poderia pressionar por convites, se fosse

necessário.

– Você mencionou uma terceira condição que sua tia impôs.

– A mesma que você está exigindo. Que me livre dos animais. – Ela fez um carinho atrás da orelha da cabra. – Vai me partir o coração, mas não tenho escolha. Preciso encontrar novos lares para eles.

– Feito.

– *Feito?*

– É como se estivesse feito. – Ele deu de ombros. – Vou encontrar novos lares para eles. Para todos.

– Simples assim.

– Simples assim. Vai demorar uma semana, no máximo.

– Acho que você não compreende – ela disse. – Meus animais chegaram até mim machucados, abandonados, não domesticados. São animais que ninguém mais queria. Não vai ser fácil encontrar lares seguros, amorosos, onde as pessoas os tratarão como parte da família.

Parte da *família*? Ela vivia em uma terra da fantasia. Mesmo que lares “seguros, amorosos” existissem no mundo real, Gabe não saberia reconhecê-los. Felizmente, ele não estava acima de uma ou duas mentiras.

– Não se preocupe. Deixe comigo. Vou encontrar lares excelentes para eles.

Ela o examinou com olhos apertados, em dúvida.

– Perdoe-me, Sr. Duke, mas não estou convencida de que você esteja qualificado para assumir esse tipo de...

A declaração bastante aguçada de Lady Penélope foi interrompida por uma série de latidos. Isso não seria nada demais, caso esses latidos não estivessem emanando da calçada em frente à casa dela.

– Oh, não! – Ela se virou para o barulho. – De novo, não.

De novo? Calçada latindo era uma ocorrência costumeira em frente à casa dela? Mas claro que sim!

– Segure isto. – Ela pôs a guia da cabra na mão de Gabe e deixou os dois ali, enquanto corria na direção do barulho.

Com ele observando, totalmente pasmo, Lady Penélope Champion – filha de um conde – ajoelhou-se no chão e gritou para a pequena placa de ferro na calçada. O buraco do carvão.

– Bixby? É você, Bixby?

Lá de baixo, um cachorro ganiu em resposta.

Ela fez uma concha com as mãos em volta dos olhos e espiou pelo buraco na placa de ferro.

– Não se preocupe, querido. Tenha coragem e espere. Estou indo agora mesmo pegar você.

Lady Penélope levantou-se, ergueu as saias com as duas mãos e desapareceu dentro de sua casa.

Após um momento de debate interno, Gabe a seguiu. A cena tinha despertado sua curiosidade, para dizer o mínimo. E sua alternativa seria vagar pela praça cuidando da cabra.

Para o inferno que ele ficaria ali!

– Venha comigo, você – ele grunhiu.

Ele puxou a cabra pelos degraus da entrada e pela porta que Lady Penélope tinha acabado de abrir.

Depois que entrou, a papagaia infernal gritou para ele de uma sala ao lado:

– *Sim! Sim! Sim!*

Gabe fechou a porta atrás de si e soltou a cabra, para que esta comesse algo impróprio. A ave, com sorte.

– Estou indo, Bixby! – Lady Penélope gritou à distância.

Gabe seguiu o som pelo corredor e desceu um lance de escada. Ele chegou à cozinha. Não havia criados à vista e uma chaleira parecia esquecida no fogão aceso.

– Estou aqui, Bixby! Agente mais um pouquinho.

Uma porta pesada na extremidade da cozinha estava entreaberta. Gabe foi até ela e a abriu por completo.

Nada além da escuridão.

Uma escuridão com passos apressados.

Após piscar algumas vezes, ele conseguiu ver que ali era o depósito de carvão e ficava bem embaixo da placa de ferro pela qual Lady Penélope gritava alguns momentos atrás. Um pequeno monte de carvão erguia-se num ângulo agudo, do chão até a abertura no topo.

E lá – em algum lugar no escuro, no alto da pilha de carvão –, provavelmente, encontrava-se Bixby. O cachorro soltou um ganido fraco.

– Estou quase aí! – Lady Penélope tentava escalar o monte, engatinhando pilha acima, derrubando blocos soltos de carvão enquanto subia.

Gabe tirou o paletó e o jogou de lado.

– Que diabos ele fez?

– Está preso. Já aconteceu antes. Ele vê um rato e começa a persegui-lo, então entra no depósito e sobe até o buraco do carvão. Aí o carrinho fica preso no gancho do carvão e...

Sim, o carrinho. Então, esse era o cachorro cadeirante.

– As pernas de trás dele estão paralisadas e... – Ela subiu mais alto, deslocando mais carvão. – Não há tempo para explicar. Tenho que soltar Bixby, ou ele pode escorregar e se enforcar.

Gabe abriu os punhos da camisa e enrolou as mangas até os cotovelos.

– Deixe comigo.

– Estou quase... – ela perdeu o pé e escorregou até o chão, voltando à estaca zero.

Ele pegou uma pá que estava encostada na parede.

– Vá para lá – Gabe disse a ela.

Ela acabou cedendo e se afastou do monte de carvão. Gabe subiu até onde o teto permitia e enfiou a pá no carvão, tirando um tanto do material sujo que arremessou no chão do depósito.

Depois que achou o ritmo, o trabalho evoluiu rapidamente. Ele enfiou a pá repetidas vezes no monte de carvão, jogando este para o lado. Gabe empregava não só a força dos braços, mas também a das costas e a das pernas. Seus músculos guardavam a lembrança do que ele tinha tentado esquecer. Mover carvão com uma pá não era nada que ele não tivesse feito antes. Era apenas algo que tinha jurado nunca mais fazer.

Enquanto Gabe trabalhava, Lady Penélope gritava palavras de encorajamento. Não para ele, claro. Para o cachorro.

– Aguarde mais um pouco, Bixby!

Os ganidos do cachorro ficaram tristes.

Gabe quase conseguia alcançá-lo. Ele jogou a pá de lado e tirou mais carvão de baixo da placa de metal. Após ter criado espaço suficiente, ele se deitou de barriga e se arrastou pelo carvão, usando os cotovelos para se arrastar para a frente até alcançar o local debaixo da abertura.

Lá estava ele, o pequeno vira-lata. Ele próprio era pouca coisa maior que um rato. Tinha ficado preso no gancho de ferro da placa que fechava o buraco do carvão, pendurado por uma tira de couro e lutando contra o peso morto de suas pernas traseiras e do carrinho.

– Calma, agora. Calma. – Gabe enfiou a mão no buraco, torcendo-a para encontrar o melhor ângulo. Ele não conseguiu alcançar o gancho. Mesmo que conseguisse, não fazia ideia do que encontraria. Como o carrinho era preso ao cão? Havia uma fivela ou um botão que ele precisaria soltar para libertar o cachorro? Se fosse o caso, ele não conseguiria. Não havia luz nem espaço suficientes para que fizesse qualquer coisa que exigisse destreza.

– Muito bem, cão. Você vai ter que fazer sua parte. – Gabe se virou de lado e enfiou a mão no buraco outra vez, agora tateando às cegas. Quando seus dedos encontraram pelos, ele ergueu o cachorro com sua mão, quase deslocando seu ombro na tentativa de aliviar o peso do animal, esperando dar espaço para Bixby se soltar. – Vamos lá, seu porcaria – ele disse por entre os dentes cerrados. – Já destruí uma roupa inteira por sua causa e, depois disso, não vou entregar um cachorro morto para sua dona.

Graças a Deus! Funcionou.

Gabe viu o instante em que o cachorro se soltou, porque ele deslizou pelo buraco e aterrissou de focinho no carvão. Com as patinhas da frente movendo-se rapidamente, deslizou até Penny. Quando Gabe conseguiu soltar o carrinho do gancho e desceu da pilha de carvão, encontrou-a sentada no chão da cozinha acalmando o cãozinho coberto de fuligem em seus braços.

– Bixby. – O animal lambeu o pescoço e o rosto dela. – Você é um menino muito, muito arteiro. E eu o amo tanto.

Gabe pigarreou.

– O carrinho está quebrado.

– Minha amiga Nicola vai consertar.

Ele colocou o dispositivo defeituoso de lado e fechou a porta do depósito de carvão.

No momento em que Gabe se virou, Lady Penélope se jogou nele e passou os braços por seus ombros.

– Obrigada.

Gabe estremeceu e se soltou.

– Você machucou o ombro – ela disse.

– Não foi nada.

– Não está deslocado, eu espero. – Ela apalpou o ombro dele, apesar da careta que Gabe fez. – Quando éramos crianças, meu irmão Timothy

deslocou o ombro quando caiu de uma árvore. Mesmo depois de curado, ele conseguia deslocá-lo e colocá-lo de volta no lugar sempre que queria. Ele fazia isso só para me ver gritar.

– Não está deslocado. Deixe para lá.

Ignorando as objeções dele, ela o empurrou na direção de um banco da cozinha e o fez sentar. Após desatar a gravata com movimentos confiantes, ela se colocou atrás dele e enfiou a mão pelo colarinho da camisa.

Santo Deus!

– Você está com um nó no músculo. – Ela passou os dedos pelo ombro dele até encontrar a origem da dor. Ele inspirou fundo pelos dentes cerrados. – Oh, céus! Está doendo mesmo, não é?

Sim. Sim, droga, estava doendo. Ele se afastou do toque dela.

Lady Penélope o repreendeu.

– Fique parado. Não vai passar até você se acalmar.

– Vossa Senhoria pode ser qualquer coisa, menos calmante.

– Você também não é lá muito reconfortante – ela disse. – Por sorte tenho alguma experiência confortando animais rabugentos. – Ela apertou os dedos no nó do músculo, massageando-o com delicadeza. – Está aqui – ela sussurrou. – Só respire.

Os dedos dela passaram pelo cabelo de Gabe, massageando suas têmporas. Ele estava dolorosamente consciente de seu estado, coberto de fuligem e suado. Isso o fez se sentir de novo como um garoto faminto, vestindo trapos e coberto de sujeira, salivando pela comida no fogão e pelos restos nas mesas da taberna. Ele tinha trabalhado tanto, ido tão longe, para deixar essa infância para trás.

Ressentimento cresceu em seu peito, bombeando seu coração num ritmo furioso. Uma raiva vermelha nublou sua visão e seus batimentos cardíacos eram tudo o que ele ouvia.

Gabe repeliu as mãos dela e se levantou. Precisava ir embora antes de descarregar suas emoções nela. Lady Penélope podia ser parte dessa elite, desse mundo privilegiado que ele desprezava, mas ela não tinha escolhido essa vida. Assim como ele não tinha escolhido nascer na sarjeta.

Ela deu a volta nele e parou à sua frente.

– Pronto. Está melhor?

Ele aquiesceu, relutante.

– Consegue mover o braço em todas as direções?

Ele girou o braço para provar.

– Consigo.

– E a força da mão?

– Minha mão é forte.

– Acho que eu devia colocar seu braço em uma tipoia.

– Não preciso de uma tipoia.

– Espere aqui. Vou correr até meu quarto para pegar um tecido e...

– Pelo amor de Deus, mulher! Meu ombro está ótimo. – Ele a pegou pela cintura e a ergueu, até seus olhos estarem na mesma altura.

– Pronto. Acredita em mim agora?

Ela aquiesceu, os olhos arregalados.

– Que bom.

Em suas mãos, Lady Penélope era delicada, frágil. O cabelo dela era um tesouro dourado que ele nunca, jamais tocaria. E, oh, como ele ansiava por aqueles lábios rosados e macios.

A voz familiar ecoou em seus ouvidos.

*Não toque, garoto. Ela não é para gente da sua laia.*

*Ponha-a. No. Chão.*

Mas antes que Gabe pudesse colocar aquelas sapatilhas cor-de-rosa no chão, Lady Penélope capturou seu rosto suado e coberto de fuligem com as duas mãos...

E o beijou nos lábios.

## Capítulo seis

O beijo durou um instante lindo, glorioso.

Então, ele a colocou no chão.

*Penny, sua tola.*

A decida foi de apenas um palmo, mas o impacto abalou suas pernas e deixou seus joelhos fracos. Ela teve que se agarrar nele para se equilibrar, o que, claro, tornou tudo ainda mais constrangedor.

– Desculpe – ela disse, soltando-o. – Foi um acidente.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Quero dizer, não foi um acidente. As pessoas acidentalmente batem cabeças, não é? Ou joelhos. Ninguém bate lábios por acidente. Eu fiz de propósito. – Ela viu que estava falando demais, mas parecia não conseguir se conter. – Fiquei muito grata por sua ajuda com Bixby e mais do que um pouco impressionada pela demonstração de força bruta. Tantos músculos.

Ele encarou sua boca, provavelmente sem conseguir acreditar no fluxo de palavras sem sentido que saía dela.

Penny mordeu o lábio.

– Você acreditaria em mim se eu dissesse que fiquei tonta com a altitude?

– Não.

– Muito bem, eu... – Ela fechou os olhos, apertando-os. – Eu quis beijá-lo. Não consigo explicar o porquê. Não tenho desculpa. De qualquer modo, não se preocupe. Está claro que foi um erro e prometo que não acontecerá outra v...

*Outra vez.*

Ele a beijou *outra vez*.

Ou melhor, *ele* a beijou pela primeira vez – e era muito melhor nisso do que ela.

Esse beijo não poderia ser confundido com uma colisão acidental de bocas. Oh, não! Ele a beijou com determinação. Seus lábios tinham ideias próprias. Sua língua tinha *planos*.

Ela fechou os olhos e derreteu-se de encontro a ele, apoiando as mãos nos braços musculosos. Gabriel Duke passou os lábios nos dela em uma série de beijos castos e, ainda assim, magistras. Ele subiu a mão pela coluna dela até o cabelo, onde torceu e juntou as madeixas em seu punho. Então, ele puxou de repente, levantando seu rosto para o dele, enviando sensações elétricas para todos os nervos.

Quando Penny entreabriu a boca, surpresa, ele retomou seus lábios, passando a língua entre eles. Seu primeiro instinto foi de recuar, mas Penny resistiu. Ela levantou os braços, passando-os ao redor do pescoço dele e abraçando-o apertado.

Ele passava a língua na dela, devagar e insistente. O sabor dele era de fuligem e sal e... e maçãs, por mais estranho que parecesse. Ácido, defumado e um pouco doce.

Um prazer viçoso, decadente, se desenrolou dentro dela, serpenteando por suas veias, como se tivesse permanecido encolhido, na expectativa, durante anos. Esperando por este momento.

Esperando por este homem.

E, então, com a voz áspera de desejo, ele sussurrou uma única palavra contra os lábios dela.

– *Relação.*

– O quê? – Penny abriu os olhos de repente.

– Envie-me uma relação – ele disse, soltando-a. – Uma lista dos animais. Vou começar a encontrar lares para eles.

Gabriel pegou o casaco no chão e o pendurou no braço. Após avaliar a gravata suja de fuligem, jogou-a na lareira.

De repente, ele ficou todo sério. E Penny, confusa.

Quando ele saiu da cozinha e começou a subir a escada, ela o seguiu, porque, o que mais poderia fazer?

– Enquanto eu cuido dos animais – ele continuou –, fale com sua amiga costureira. Você não poderá comparecer a bailes e outros eventos até ter vestidos apropriados. E se quer aparecer nas colunas sociais, é bom que sejam deslumbrantes.

– Se existe alguém que pode criar algo deslumbrante, é a Emma.

– Ótimo. – Ele abriu a porta da frente. – Estamos combinados, então.

– Estamos?

– Espero aquela lista. – Com um aceno de cabeça, ele saiu da casa e fechou a porta atrás de si.

Que irritante! Penny ainda estava zozza e sem fôlego do beijo e ele... não, pelo jeito. Com certeza um homem atencioso iria, no mínimo, fingir estar um pouco abalado.

Então a porta foi aberta e Gabriel Duke voltou.

– Vossa Senhoria, eu... – Ele começou.

– Você...? – Ela perguntou, após uma longa pausa.

Ele olhou para o chão.

– Nós.

Nós.

Ele falou isso como se fosse uma sentença completa, mas mesmo após vários momentos de reflexão, Penny não conseguiu entendê-lo.

Sacudindo a cabeça com irritação, ele abriu a porta mais uma vez, passou intempestivo por ela e a fechou atrás de si, batendo-a com tanta força que os quadros balançaram na parede.

Penny sorriu para si mesma.

Assim ela ficava satisfeita.



*Toque. Toque. Toque*

No dia seguinte, Gabe se viu sentado em seu escritório. Na verdade, ele estava sentado ali há horas. Sem examinar nenhum dos muitos documentos, contratos ou balancetes que aguardavam sua atenção, mas apenas olhando para o vazio e batendo uma moeda na escrivaninha.

*Toque. Toque. Toque.*

Ela teve intenção de beijá-lo. Ela *quis* beijá-lo. Foi o que dissera, explicitamente, e depois ela pareceu muito contente em ser beijada por ele. Mais do que contente.

Ele não tinha se aproveitado dela.

Ele tinha sido um colosso de estupidez.

Com um grunhido rascante, deixou a cabeça pender para a frente até sua testa tocar no borrador sobre a escrivaninha. Então ele ficou assim, tentando não se lembrar do doce frescor daquele beijo, nem da alegria quente que o chamuscou quando os seios dela tocaram seu peito.

*Um colosso. De estupidez.*

– Sr. Duke, não imagina o que...

Gabe levantou a cabeça.

Hammond hesitou, constrangido, à porta.

– Tenho algo para lhe mostrar, mas talvez não seja um bom momento.

– Não, não. – Gabe se levantou de repente. – É um ótimo momento.

Era, de fato, o melhor momento possível. Ele nunca se sentiu tão bem por ser interrompido.

Hammond o levou ao banheiro no andar de cima, onde gesticulou entusiasmado para a banheira.

– Observe o que há de mais recente em conforto moderno. Água quente encanada.

– Tem certeza desta vez?

– O encanador consertou o aquecedor ontem. Testei esta manhã. Água chiando de quente.

Enquanto o arquiteto abria a torneira, Gabe cruzou os braços e manteve uma distância segura. Hoje ele deixaria que Hammond corresse os riscos.

Felizmente, a bica não explodiu como um canhão de fragmentos de gelo.

Infelizmente, o que escorreu na banheira foi um fio de ferrugem lodosa.

– Com os diabos! – Hammond fechou a torneira e bateu o pé nos ladrilhos do chão. – Juro por tudo o que é sagrado, estava funcionando uma hora atrás. Burns deve ter lançado uma maldição.

– A governanta? Não recomece com esse desatino.

– Estou lhe dizendo, ela é sobrenatural. Não sei se é fantasma, bruxa, demônio ou algo pior. Mas essa mulher é do diabo.

– Rã-rã.

Assustados, Gabe e Hammond deram meia-volta.

Lá estava a Sra. Burns. Até Gabe tinha que admitir que essas aparições repentinas começavam a se tornar inquietantes.

Hammond levantou os dedos formando uma cruz.

– Eu te repreendo.

– Boa tarde, Sra. Burns – Gabe disse. – Nós não ouvimos a senhora se aproximar.

– Fui ensinada, Sr. Duke, que criados devem atrair o mínimo possível de atenção para si.

Bem, a Sra. Burns tinha atraído a atenção deles.

Sem falar nada, Hammond levantou o braço, estendeu um dedo e cutucou o ombro da governanta.

– Forma corporal sólida – ele balbuciou. – Interessante.

Gabe deu-lhe uma cotovelada nas costelas, fazendo a “forma corporal” do arquiteto cambalear na direção da banheira com lodo enferrujado.

– Podemos fazer algo por você, Sra. Burns?

– Só vim para lhe informar que o senhor recebeu uma carta. Acabou de chegar.

– O correio passou esta manhã.

– A carta não veio pelo correio, Sr. Duke. É de Lady Penélope Champion.



*Prezado Sr. Duke,  
Como solicitado, segue uma relação dos animais sob  
meus cuidados:*

*Bixby, um Terrier de duas pernas.  
Marigold, uma cabra de caráter impecável, que, com  
toda certeza, não está grávida.*

*Angus, um boi Highland de 3 anos.  
Regan, Goneril e Cordélia - galinhas poedeiras.  
Dalila, uma papagaia.  
Hubert, uma lontra.  
Freya, uma porco-espinho.  
Treze gatinhos de várias cores e personalidades.*

Gabe folheou o relatório sem acreditar no que lia. Eram muitas páginas. Ela não tinha apenas lido os nomes, as raças e idades de cada uma das criaturas, mas também tinha incluído uma tabela de temperamentos, horários de dormir, cama preferida e uma lista de exigências alimentares que arruinaria um profissional razoavelmente bem-sucedido. Além dos esperados feno, milho, alfafa e grãos, os animais exigiam vários quilos de carne moída por semana, litros diários de leite fresco e um número impossível de sardinhas.

O boi e a cabra, ela insistia, precisavam ir para a mesma casa. Ao que parecia, os dois tinham uma ligação muito forte, o que quer que isso significasse, e recusavam-se a comer quando separados.

As galinhas poedeiras, na verdade, não punham ovos com regularidade. Seus donos anteriores tinham ficado frustrados com a ínfima produção das aves, e assim, elas foram parar sob os cuidados de Sua Senhoria.

E o felizardo que aceitasse uma porco-espinho de 10 anos? Bem, teria que não apenas providenciar um suprimento contínuo de larvas de besouro, mas também se lembrar de certas “experiências traumáticas na juventude” da porco-espinho.

Ele precisou ler essa parte três vezes para acreditar.

*Experiências traumáticas na juventude.*

Inacreditável.

O mundo pululava de crianças que recebiam menos comida e menos atenção do que ela dava para cada uma dessas criaturas. Gabe sabia muito bem disso. Ele tinha sido uma dessas crianças. No orfanato, ele subsistia à base de caldo de carne, pão e alguns pedaços de queijo por semana – isso

quando sua alimentação não era diminuída como punição por mau comportamento, e normalmente era.

Ele não tinha tempo para isso e também não confiava em si mesmo para desempenhar a tarefa. Isso significaria visitar Lady Penélope pelo menos tantas vezes quanto animais havia na lista. Considerando que tinham menos de um mês para realocar os animais, ele teria que ver Penny praticamente todos os dias. Oportunidades demais para bancar o estúpido.

Lares afetuosos uma ova! Ele se sentiu tentado a levar todas as criaturas para o açougueiro mais próximo. Se Sua Senhoria não descobrisse, não ficaria magoada.

Por outro lado, se Sua Senhoria ficasse sabendo, era provável que isso acabasse por prejudicá-lo. Além do mais, nem Gabe era tão cruel a ponto de mandar uma porco-espinho inocente para o matadouro.

Nada de açougueiro, então. Mas devia haver algum lugar onde ele pudesse levá-los todos de uma vez. Ele não acreditava que um zoológico pudesse se interessar por uma porco-espinho idosa ou três galinhas não poedeiras. Soltar uma cabra comprometida e seu melhor amigo, Angus, o boi Highland, no meio do Parque Hyde...? Era improvável que ninguém reparasse.

Uma cidade do tamanho de Londres oferecia poucas, se alguma, possibilidades.

Ele precisava era de uma fazenda.

## Capítulo sete

O que aconteceu depois? – Emma estendeu a fita métrica do pescoço ao punho de Penny, e esperou a resposta.

– Depois eu o beijei – Penny respondeu em voz baixa. – E ele me beijou de volta.

– Não. – Emma recuou três passos e encarou a amiga na sala matinal da Casa Ashbury. – Oh, Penny.

– Eu me deixei levar pelo momento. Ele tinha acabado de resgatar o Bixby e eu me senti grata. E quando ele contraiu o ombro debaixo da minha mão, a sensação dos músculos dele...

– Você estava sentindo os ombros dele?

– Só um dos ombros – Penny protestou, como se isso tornasse a situação menos indecorosa.

Penny desceu do banquinho de prova, afundou-se no divã e escondeu o rosto nas mãos. Emma recolheu a fita métrica e foi se sentar ao lado dela. Penny deitou a cabeça no ombro da amiga.

– É um alívio ver você. Não tinha ninguém para desabafar. Obrigada por vir para Londres.

– Mas é claro que viemos. Você disse que precisava de nós. Além do mais, *eu* é que devo agradecer. Fazia anos que eu morria de vontade de lhe

dar um novo guarda-roupa. Vou fazer os desenhos, criar padrões. Então, vamos cuidar para que tenha os melhores tecidos e as costureiras mais talentosas de Londres.

Uma costureira tornada duquesa, Emma pôde abandonar o trabalho com as agulhas em favor de uma vida de confortos. A maioria das mulheres na mesma situação que ela certamente teria feito o mesmo.

Contudo, Emma não era um tipo normal de mulher e Penny sentia-se grata por isso. A condição das duas, na periferia da sociedade elegante, foi o que as tornou boas amigas.

– Não sei o que deu em mim – Penny gemeu. – Sempre que ele está perto, me sinto um animal em temporada de acasalamento. Acho que sucumbi ao desejo.

– Se for verdade, não é a pior coisa do mundo. Muitas mulheres já sucumbiram vítimas da mesma aflição. Inclusive eu. Se não deseja mais ver o Sr. Duke, é só evitá-lo.

– Não posso evitá-lo. Ele se ofereceu para me ajudar com as exigências da minha tia e, mesmo que não me ajudasse, ele mora na casa ao lado.

– Bom Deus, Penny – disse o Duque de Ashbury, irrompendo na sala. – Você sabe o tipo de salafrário que está morando na casa ao lado da sua?

– Gabriel Duke – ela respondeu.

– Gabriel Duke é o nome dele. – Ash olhou furioso pela janela.

Ele sempre era assustador, em razão das cicatrizes de guerra que retorciam metade de seu rosto. Não fosse pela criança risonha grudada em sua perna, pareceria realmente intimidante.

– Richmond, querido – Penny estendeu os braços e o garoto veio tropeçando para seu abraço. – Como você está grande.

– Seu vizinho é um canalha infame – Ash continuou. – E a Emma me disse que você está andando com ele?

– Não estou *andando* com ele. Minha tia me deu um ultimato. Se eu não cumprir as exigências dela até o fim do mês, meu irmão vai me levar de volta para Cumberland.

Penny sentiu o estômago revirar. Desde a visita da tia, a possibilidade de retornar a Cumberland pairava sobre ela como uma nuvem de tempestade, opressora e sombria. A mera ideia de morar naquela casa, dormir naquele quarto...

Ela não podia voltar. Não iria voltar.